

A SOCIOLOGIA DA ESCOLA DE CHICAGO NO DISCURSO URBANÍSTICO DE ANHAIA MELLO: apropriações e tensões (1926 – 1961)

EIXO TEMÁTICO 01: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo

ROCHA, Tadeu Lara Baltar da

Mestre, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

tadeulbr@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa leituras e apropriações de conteúdos relacionados à Escola de Chicago de Sociologia no discurso urbanístico de Luiz de Anhaia Mello. Após a exposição dos procedimentos metodológicos da pesquisa, explicitam-se os meios de contato do autor com a produção intelectual de Chicago. Em seguida, discutem-se três temas/argumentos da obra de Anhaia Mello nos quais ele empregou referências vinculadas à Escola de Chicago: a relevância da Sociologia no Urbanismo, a busca por “leis” do funcionamento da cidade e a relação entre a ordem física e a ordem social do urbano, especialmente no que se refere às unidades de vizinhança. A investigação identifica que Anhaia Mello passa a empregar o léxico da Escola de Chicago com mais frequência na década de 1950, mesmo que apresente questões que abordou anteriormente, e evidencia tensões entre suas proposições e suas referências, permitindo abordar aspectos pouco explorados pela historiografia especializada.

Palavras-chave: Circulação de ideias; Ecologia Humana; Anhaia Mello; Robert Park.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article analyzes how Anhaia Mello read and employed concepts related to the Chicago School of Sociology. Following the presentation of the methodological procedures, it explores the means of circulation of Chicago's intellectual production to which he had access. Subsequently, the study discusses three themes/arguments in Anhaia Mello's work in which he employed references linked to the Chicago School: the relevance of Sociology to Urban planning, the search for "laws" of urban dynamics, and the relationship between the physical and social orders of the city. The investigation identifies that Anhaia Mello began to employ the lexicon of the Chicago School more frequently in the 1950s, even when presenting issues he had addressed previously. Furthermore, it highlights tensions between his propositions and his references, allowing for an examination of aspects seldom explored by specialized historiography.

Keywords: Circulation of ideas; Human Ecology; Anhaia Mello, Robert Park

RESUMEN

Este artículo analiza cómo Anhaia Mello leyó y empleó conceptos relacionados con la Escuela de Sociología de Chicago. Tras la exposición de los procedimientos metodológicos, se exploran los medios de circulación de la producción intelectual de Chicago a los que el autor tuvo acceso. Posteriormente, el estudio examina tres ejes temáticos en la obra de Anhaia Mello en los que utilizó referencias vinculadas a la Escuela de Chicago: la relevancia de la sociología en el urbanismo, la búsqueda de "leyes" sobre la dinámica urbana y la relación entre el orden físico y el orden social de la ciudad. La investigación identifica que Anhaia Mello comenzó a emplear el léxico de la Escuela de Chicago con más frecuencia en la década de 1950, incluso al presentar cuestiones que había abordado anteriormente. Además, pone de relieve las tensiones entre sus propuestas y sus referentes teóricos, permitiendo abordar aspectos poco explorados por la historiografía especializada.

Palabras clave: Circulación de ideas; Ecología humana; Anhaia Mello, Roberto Park

1. INTRODUÇÃO

A constituição do campo do Urbanismo foi marcada pela intensa circulação internacional de ideias. Experiências e conceitos estrangeiros, acessíveis via intercâmbio de *experts*, traduções de livros, publicações especializadas e eventos internacionais eram lidos e balizados pela disponibilidade, temas e interesses locais. Nesse processo de trocas com relações de poder assimétricas engendraram-se novas interpretações e práticas. Este artigo analisa um caso específico de relevância para o Brasil: como o urbanista Anhaia Mello teve contato, leu, selecionou e empregou temas, conceitos e proposições da Escola de Chicago de Sociologia entre as décadas de 1920 e 1950.

Luiz de Anhaia Mello (1891-1974) foi nó importante no Urbanismo brasileiro do começo do século XX. Figura de destaque no debate público e na formação de engenheiros e arquitetos em São Paulo, esteve atento a debates sobre cidades, apropriando-se e traduzindo elementos de discussões estrangeiras para a realidade local. Foi figura influente na academia, exerceu cargos públicos – foi prefeito, vereador e diretor de obras – e esteve à frente de instituições da sociedade civil relevantes, como a Sociedade Amigos da Cidade e o Instituto de Engenharia.

A produção intelectual de Anhaia Mello sinalizou direções para o pensamento urbanístico paulista (Leme, 1999, p. 478) e, como tal, foi debatida por importantes autores da historiografia brasileira sobre o tema. Recentemente, uma coletânea reuniu trabalhos de pesquisadores que têm lidado com sua trajetória (Simões e Angotti-Salgueiro, 2020).

Entre os urbanistas, Anhaia Mello foi um dos pioneiros a olhar para experiências norte-americanas. Isso se referia, em primeiro lugar, a aspectos técnico-administrativos, como propostas para o zoneamento e de organização da prática de planejamento, tema bem explorado pela bibliografia (Feldman, 1996, 2020; Rolnik, 1997; Siqueira, 2013; Campos, 2020, etc.). Além disso, também se pode identificar esse olhar no que se refere a suas formulações de cunho de interpretação social. Zorek (2017) sugere que o discurso pessimista do urbanista nos anos 1950 teria se tornado hegemônico na interpretação de São Paulo. Dentre a gama de referências das ciências humanas empregadas para isso, aquelas relacionadas com a Escola de Chicago de Sociologia tiveram destaque e apareceram em diferentes momentos de sua trajetória.

Pela expressão “Escola de Chicago de Sociologia” refere-se à pesquisa de sociologia urbana que se desenvolveu entre as décadas de 1910 e 1930 em torno do programa de pesquisa da *Ecologia*

PENSAR FORA DO EIXO

*Humana*¹. Proposto pelos professores Robert Park e Ernest Burgess, da Universidade de Chicago, esse programa foi central na orientação de um rol de projetos de pós-graduação que teve grande projeção no contexto da Sociologia nos Estados Unidos, que tratavam de temas como criminalidade, relações étnico-raciais e forma urbana. Seus aspectos gerais estavam apresentados de modo disperso em três textos que tiveram grande circulação nos Estados Unidos no começo do século XX (Eufrásio, 2008, 2013; Bulmer, 2020): o livro *Introduction to the Science of Sociology* (Park e Burgess, 1921) e os artigos *The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment* (Park, 1925) e *The Growth of the City* (Burgess, 1925 [1922]).

A produção da Escola de Chicago costuma ser vista como uma das experiências fundadoras dos estudos sobre cidades. Para Dear (2012), ela apresenta três características marcantes: (a) uma visão modernista, da cidade como uma unidade, (b) a investigação da condição urbana centrada em indivíduos e (c) um paradigma evolucionista que propunha um percurso linear entre tradição e modernidade, primitivo e avançado etc. Além disso, ela se caracterizou pelo emprego de métodos de pesquisa qualitativos engajados com os objetos de pesquisa e pela busca por categorizar e identificar padrões no funcionamento das cidades.

A pesquisa se situa no debate sobre o Urbanismo brasileiro e a circulação de ideias, tema que vem se desenvolvendo desde a década de 1990. Atualmente, a abordagem sobre essa questão caminha na direção de descartar interpretações de que os agentes do debate público nacional seriam receptores passivos de práticas e conceitos estrangeiros, deslocando a discussão de noções como de “influência internacional” e “cópia” de modelos para perspectivas que focam no protagonismo dos atores, como a partir da ideia de apropriação seletiva (Angotti-Salgueiro e Simões, 2017). Por meio de análises sobre os meios e relações poder envolvidas na circulação de ideias, assim como da trajetória e da originalidade de indivíduos, a linha busca superar a perspectiva centrada nos Estados Unidos e na Europa, cujos estudos comparativos buscavam identificar um modelo “ideal” – desses polos – e cotejá-lo como desvios locais (Roldan, 2023).

A análise apresentada neste artigo segue uma linha de pesquisa que recebeu uma abordagem sistemática nos trabalhos da professora Heliana Angotti-Salgueiro (2014, 2020 e com Simões, 2016, 2017 e 2020 [orgs.]), que estudou a biblioteca de Anhaia Mello, mapeando e discutindo algumas de

¹ O termo “escola” só foi empregado décadas mais tarde. Essa pesquisa adota a posição defendida por Eufrásio (2008) a partir de Bulmer (2020), que considera ter havido uma atuação coletiva em torno de um programa de pesquisa. Para outros autores, a expressão designaria toda a pesquisa urbana desenvolvida na Universidade de Chicago, incluindo, também, o foco posterior no interacionismo simbólico de Becker e Blumer.

PENSAR FORA DO EIXO

suas leituras e referências, além de valiosas contribuições, como as de Feldman (1996, 1998, 2005, 2020), Arasawa (2020), Bresciani (2010, 2012, 2020), Campos (2020), Krogh e Salgado (2016), Nery Jr (1998), Siqueira (2013), entre outros. Ela destaca aspectos das condições de leituras de Anhaia Mello e de algumas de suas decisões e percursos intelectuais. Trata-se, também, de uma análise de transposição disciplinar, de como um urbanista lia estudos sociológicos e que, além de jogar luz na apropriação desse campo na disciplina do planejamento, permite reinterpretar as próprias propostas de Anhaia Mello.

Para a pesquisa, foram consultados materiais produzidos por Anhaia Mello entre 1926 e 1961, período que compreende a publicação do primeiro artigo como professor da Escola Politécnica, “Ensaio de Esthetica Sociologica”, até sua aposentadoria da Universidade de São Paulo. Trata-se de artigos, notas e transcrições de palestras, a maior parte dos textos está presente em periódicos como a *Revista Politécnica*, o *Boletim do Instituto de Engenharia* (*Engenharia*, na década de 1940) e o *Digesto Econômico*, ou que consta em livros e manuscritos. O levantamento desse material foi facilitado por iniciativas anteriores, como o trabalho de Ficher (2005).

Nesse conjunto de fontes, foram mapeadas citações e referências diretas a autores da Escola de Chicago, além de se buscar identificar a aplicação de conceitos e máximas que costumam ser relacionados a eles, como “ecologia humana”, “metabolismo urbano”, a hipótese do crescimento da cidade em “anéis concêntricos”, a formação de “zonas de transição”, entre outras.

Para compreender quando e como Anhaia Mello teve contato com a produção relacionada com Park e Burgess, referências mencionadas nos textos e materiais que compunham seu acervo pessoal foram analisados². Como são raras as indicações de referências bibliográficas diretas nos textos do urbanista, fato ligado a hábitos de redação da época e à grande proporção de transcrições de palestras entre o material analisado, diversos trechos nos quais Anhaia Mello se referia a temas e passagens da Escola de Chicago foram descobertos a partir da leitura dos livros que sabíamos a que ele tinha acesso. Foi necessário adentrar também na produção de autores cujas ideias Anhaia Mello relacionava com as da Escola de Chicago, como Mumford, Geddes, Ebenezer Howard e Harland Bartholomew.

O artigo está dividido em quatro seções: além dessa introdução, descrevem-se os achados sobre os meios de contato de Anhaia Mello com a produção da Escola de Chicago. Depois, apresenta-se

² Raramente são encontradas referências bibliográficas nos textos do urbanista, o que estava ligado a hábitos de redação da época e à grande proporção de transcrições de palestras analisadas. Porém, ele mencionava vários nomes e parafraseava trechos inteiros de outros autores, o que permitiu a identificação de diversas de suas referências.

PENSAR FORA DO EIXO

como ele empregou ideias caras àquele contexto da Sociologia americana em seus textos, identificando tensões e sentidos em sua apropriação ao tratar de três temas: a relevância da Sociologia no Urbanismo, a busca por “leis” do funcionamento da cidade e a relação entre a ordem física e a ordem social do urbano, principalmente no que se refere ao instrumento da Unidade de Vizinhança. O artigo joga luz sobre o discurso social de Anhaia Mello e lida com quais eram e de que forma ele formulava os problemas a que o Urbanismo deveria responder, comentando aspectos da leitura historiográfica sobre o autor. Ao final, argumenta-se que o urbanista identificava na Escola de Chicago um modelo de conhecimento sobre as cidades que era fundamental para sua concepção do que deveria ser levado em conta na prática do Urbanismo.

2. CONTATO COM TEXTOS DA ESCOLA DE CHICAGO DE SOCIOLOGIA

Anhaia Mello teve contato com a produção da sociologia urbana de Chicago precocemente. No final da década de 1920, quando assumiu a posição de lente-titular da Escola Politécnica, já mobilizava os textos fundamentais do programa de pesquisa da “Ecologia Humana”. Em *A Cidade, problema de governo*, de 1928, ele parafraseou a introdução da versão revisada do artigo *The City*, publicada três anos antes³. No ano seguinte, em *A verdadeira finalidade do Urbanismo*, referiu-se diretamente ao livro *Introduction to the Science of Sociology*. Em *Urbanismo – Regulação e expropriação* descreveu o conceito de “metabolismo urbano” apresentado por Burgess em *The Growth of the City*.

Por meio de periódicos que circulavam em São Paulo, como o *American Journal of Sociology* ou dos *Annals of the American Academy of Political and Social Science*⁴, Anhaia Mello se deparou com debates e artigos ligados à Escola de Chicago. No entanto, foram livros que lhe permitiram acessar a discussão americana que estava se desenvolvendo. Ao livro *The City*⁵, coletânea de escritos sobre a “Ecologia Humana” organizada por Park e Burgess, foi possível rastrear a maior parte de suas observações ligadas a sociologia de Chicago nas décadas de 1920 e 1930.

A aquisição do livro *Human Communities* nos anos 1940, por sua vez, coincide com o momento em que ideias como “metabolismo urbano”, “estrutura ecológica” e “comunidade” se tornam mais

³ “The City...” foi publicado originalmente em 1915, no *American Journal of Sociology*, mas sua edição principal, parafraseada por Anhaia Mello, é uma revisão publicada no livro homônimo em 1925.

⁴ Em 1929(a), Anhaia Mello, escreveu que “todos os estudiosos dos problemas sociais devem assignar os anuaes da Academia”. Um dos volumes do periódico no ano anterior tinha como tema “O negro americano” e reuniu textos de Du Bois, Park e Burgess.

⁵ Uma edição desta coletânea, contendo os artigos fundamentais de Park (1925) e Burgess (1925 [1922]), constava em seu acervo pessoal.

PENSAR FORA DO EIXO

frequentes nos textos do urbanista. Dentre os exemplares do acervo pessoal de Anhaia Mello, este é um dos livros com maior quantidade de grifos e anotações, fazendo com que Angotti-Salgueiro e Simões (2016, p.141) o avaliassem como um livro “bem assinalado e relido por Anhaia”.

Além do contato com textos originais, outras fontes foram importantes para que Anhaia pudesse compreender aquele conteúdo. Foram os casos de manuais e coletâneas que ofereciam curadoria sobre a produção sociológica americana. Diversos deles, que reproduziam ideias e trechos de textos de Burgess e Park junto aos de outros sociólogos, faziam parte do acervo do urbanista, como no caso dos livros de Bedford (1927), Carpenter (1932), Muntz (1938) e Pierson (1970a; 1970b).

Por fim, o ambiente intelectual de São Paulo também deve ter influenciado a recepção e apropriação de ideias da Escola de Chicago por Anhaia Mello. Na década de 1940 os temas da Ecologia Humana ganharam mais projeção na cidade com a chegada de Donald Pierson, doutorado em Chicago sob orientação de Robert Park, para lecionar na Escola Livre de Sociologia e Política⁶.

3. O EMPREGO DE NOÇÕES DA ESCOLA DE CHICAGO POR ANHAIA MELLO

3.1 A Sociologia e o estudo do aspecto humano da cidade

Nas décadas de 1920 e 1930, o emprego das ideias da Escola de Chicago por Anhaia Mello foi pontual. Menções aos sociólogos destacavam a relevância e a complexidade das cidades para uma audiência da elite paulista que observava o crescimento urbano com desconfiança. Na abertura de *A Cidade, problema de governo*, o autor expôs:

A cidade é um fenômeno complexo. É, certamente, um agrupamento humano, ocupando uma área determinada e dispondo de uma série maior ou menor de aparatos técnicos, instituições, mecanismos administrativos e uma organização que a distingue de outros agrupamentos.

Porém n'este conglomerado de edifícios e de indivíduos, o sociólogo entrevê um verdadeiro mecanismo psychophysico, uma série de práticas, de hábitos comuns, de sentimentos e tradições que se formaram através de muitas gerações e que são característicos de uma unidade cultural típica (Mello, 1928a, p. 278)⁷.

Ao comentar, em seguida, a interpretação de Spengler sobre a natureza das cidades, Anhaia reproduziu, sem indicação explícita da fonte, o conteúdo e a estrutura do começo da versão revisada

⁶ A influência da ELSP no Urbanismo paulista ainda é pouco explorada pela historiografia. Valladares (2005) considera “curioso” o encontro das ideias do Padre Lebreton com a tradição de Chicago naquele contexto específico.

⁷ Nas citações dos textos de Anhaia Mello, manteve-se a ortografia encontrada nos documentos consultados, entre os quais estão transcrições e mímeos que não necessariamente foram revisados.

PENSAR FORA DO EIXO

de *The City* (Park, 1925) e, no ano seguinte, reproduziu síntese bibliográfica produzida por Louis Wirth, um dos primeiros orientandos de Park, afirmando que, embora o estudo da cidade remonte à República de Platão, a Sociologia urbana contemporânea teria alcançado um "corpo de doutrina formidável" (Mello, 1929a, p. 110-1).

Ao destacar a complexidade da cidade e apontar como ela deveria ser estudada, Anhaia Mello esboçava o campo de atuação do Urbanismo⁸. A forma de pensar o tema daquele momento o acompanharia até a aposentadoria, embora seu léxico tenha se tornado progressivamente mais próximo da terminologia da Escola de Chicago.

Em artigo de 1933, Anhaia apontou que não seria "[...] o facto material, geographico, que é a cidade, mas tambem, e principalmente, os factores anthropogeographicos e sociaes, de acção e reacção humana no ambiente geographico" (idem, 1933b, p. 209). Doze anos mais tarde, expôs ideia semelhante, agora destacando a Sociologia e ideias de Chicago como da "estrutura ecológica" da cidade:

Para abordar racionalmente o problema das cidades é preciso, preliminarmente, saber o que, de fato, elas são. To master the town, we must first know it. Conhecer as forças sociais que governam a vida e determinam a estrutura morfológica e ecológica da urbes (idem, 1954b).

O sociólogo se interessa pelo aspecto material – morfológico e ecológico das cidades – porque este condiciona a personalidade e a organização social.

O engenheiro cívico ou urbanista, por sua vez tem que se interessar pela Sociologia, porque o seu plano deve ser um instrumento de melhora social, de controle e direção das forças sociais que dominam o ambiente urbano (idem, 1945a, p. 273).

Ao designar como "engenheiro cívico", Anhaia Mello reforçava a distinção que fizera desde cedo entre urbanistas e engenheiro: haveria conhecimentos sociais envolvidos na prática do planejamento e, para promover o "progresso ordenado e lógico da cidade" (idem, 1928b, p. 237), o Urbanismo não se limitaria às práticas sanitárias ou de embelezamento.

Num curso de engenharia, a matemática é exclusiva, [...] não deixando lugar para uma cultura humanística. O arquiteto fica muito preso a seus gabaritos de atura, área, etc. Seria interessante que ambos tivessem uma noção mais precisa do problema urbanístico, que é mais de não construir do que construir. O urbanista precisa, por sua vez, de uma cultura sociológica mais profunda, sendo que os três, tanto o engenheiro, como o arquiteto ou o urbanista, necessitam fundamentalmente da compreensão humana do problema. Esta é a base de tudo em urbanismo – o homem é de novo o centro e a medida de todas as coisas (idem, 1957, p. 1).

⁸ O emprego do termo "Urbanismo" não era habitual naquele momento e Anhaia foi pioneiro em sua utilização.

PENSAR FORA DO EIXO

Tratava-se de um momento de construção do campo do Urbanismo no Brasil. Na passagem das décadas de 1920 e 1930, as palestras de Anhaia Mello eram anunciadas como eventos com a finalidade de “divulgar o Urbanismo”. Seus apontamentos sobre os conhecimentos, mecanismos e instrumentos próprios das cidades, que envolviam referências à Escola de Chicago, devem, assim, ser interpretados como esforços para o direcionamento do desenvolvimento desse campo de atuação profissional, dotando-o de uma base científica.

3.2 A cidade genérica e as “leis” da ecologia humana

Os textos de Anhaia Mello são permeados pela ideia de que haveria um conhecimento específico sobre as cidades, sobre leis gerais de seu funcionamento, de natureza sociológica. Nesse sentido, em 1954, ele indicou que apesar de serem diversas, com funções e tamanhos diferentes, a cidade, *genérica*, seria o “habitat natural do homem civilizado”, onde

desenvolveu ele a sua filosofia e a sua ciência e se transformou de racional em sofisticado, sutil. O ambiente urbano é um mundo que o próprio homem fez para seu uso, mundo do qual ele se tornou prisioneiro e vítima, e no qual está condenado a viver.

Canhestro aprendiz de feiticeiro” (idem, 1954b, p. 28).

Com tal colocação, ele reproduzia, sem indicação de fonte, o que Park escrevera em *Chicago: the City as a Social Laboratory*, texto de 1929, mas que provavelmente fora lido pouco antes da palestra no livro *Human Communities* (Park, 1952)⁹:

The city has been described as the natural habitat of civilized man. It is in the city that man developed philosophy and science, and became not merely a rational but a sophisticated animal. [...] But if the city is the world which man created, it is the world in which he is henceforth condemned to live. Thus, indirectly, and without any clear sense of the nature of his task, in making the city man has remade himself (Park, 1952 [1929], p. 73).

Anhaia Mello destacou, em outras oportunidades, que haveria uma natureza comum entre as cidades. Em palestra em que defendia as propostas que fizera para um “plano regional de São Paulo” no ano de 1954, ele apontou diferenças entre cidade e campo a partir de referências diversas e incluiu, além de exemplos sobre o que cada um dos extremos ofereceria, observações sobre o que seria a natureza da cidade e seu comportamento social típico, recorrendo à Escola de Chicago.

Cidade e campo, dois polos da vida nacional, constituem de fato, um “continuum”, cujo “index” real não é propriamente demográfico, mas psico-social. O rural e o urbano se definem melhor em termos de comportamento e relações do que em números.

⁹ A menção à cidade como habitat do homem civilizado também aparece no artigo *The City*: “The city is finally, the natural habitat of civilized man. It is for that reason a cultural area characterized by its own peculiar cultural type” (Park, 1925).

PENSAR FORA DO EIXO

Num dos extremos desse “continuum” se encontram não apenas pequeno número de pessoas, mas homogeneidade, conhecimento mútuo, compreensão, sistemas coerentes de costumes e tradições.

No outro extremo, grande número, heterogeneidade, contatos secundários, isto é, temporários, casuais e superficiais; diferenças de língua, costumes, códigos de comportamento, educação e “status” (Mello, 1954b)¹⁰.

A diferença entre comportamentos e relações sociais na cidade e no campo era um tema que interessava a Park e Burgess por conta da análise que faziam do crescimento urbano a partir da migração e no êxodo rural¹¹. Os “problemas urbanos” eram vistos como decorrentes da desorganização da vida de populações que chegavam abruptamente na cidade e lidavam com modos e costumes diferentes daqueles a que estavam habituados no campo, do Sul dos Estados Unidos ou da Europa. Naquele contexto, a descrição de comportamentos típicos do campo e da cidade eram idealizações que embasavam as pesquisas e que deveriam ser verificados em casos concretos pelos sociólogos. Anhaia Mello, por outro lado, apresentava esse conteúdo de modo taxativo, como pontos de chegada e não de partida das investigações.

A identificação de elementos caracteristicamente urbanos e dinâmicas genéricas das cidades é recorrente nas falas de Anhaia. Entre outras implicações, isso justificava a possibilidade de “transportar” modelos e práticas entre diferentes contextos, pois existiriam problemas que seriam tipicamente urbanos, de todas as cidades, que somente teriam desvios e especificidades locais. Embora não recebesse uma formulação explícita, essa possibilidade estava no centro de suas proposições desde a década de 1920:

Examinemos como os outros resolveram e procuremos aplicar, com intelligencia e não servilmente ou por mero espírito de limitação, os nossos methods e processos que se adaptem às nossas condições locais.

Não se pode dizer que os complexos problemas do moderno urbanismo tenham tido, em qualquer parte, solução perfeita e integral, porque não são equações que se armem definitivas, mas questões multifarias e multiformes, que surgem a toda a hora, se entretecem e entrosam nesse kaleidoscopio caprichoso que é a cidade moderna. (idem, 1929b, p. 13).

Essa é uma ideia importante para o Planejamento Urbano e que não se originou com Anhaia Mello. No entanto, no esforço por estabelecer esse campo de atuação em São Paulo, ele construiu formas de apresentá-la que buscavam na Escola de Chicago termos, modelos e conceitos. Havia alguma convergência entre sua interpretação e o que havia sido formulado por Park e Burgess, mas conjectura-se que a escolha do urbanista por apresentar essa determinada formulação estaria

¹⁰ Nesse momento, ele recuperava o que havia sido esboçado em artigo da década anterior (Mello, 1945a).

¹¹ Uma descrição famosa dessas diferenças, ligada ao pensamento da Escola de Chicago, foi oferecida pelo sociólogo Louis Wirth (1938), professor da Universidade de Chicago e antigo orientando de Park e evidencia o diálogo com Georg Simmel e de Ferdinand Tönnies.

PENSAR FORA DO EIXO

ligado a um prestígio anterior que os conteúdos da Sociologia Urbana dos Estados Unidos já desfrutariam no ambiente intelectual com o qual ele dialogava.

Dentre as ideias da Escola de Chicago que sugeriam padrões válidos para diversas cidades, foi o “modelo dos círculos concêntricos” a que Anhaia Mello mais fez referência. Apresentado por Burgess em *The Growth of the City*, era uma hipótese sobre como aconteceria o crescimento das cidades e relacionava a expansão física com as dinâmicas sociais do espaço urbano. Em 1954, ele apontou que

O processo típico da expansão de uma cidade pode ser ilustrado – ensina Ernest Burgess – por uma série de círculos concêntricos, que representam as zonas sucessivas da extensão urbana, e também os tipos de áreas diferenciadas, no processo de expansão.” (idem, 1954b, p. 35)

Se processos de desorganização e reorganização da vida dos migrantes eram importantes para explicar os fenômenos urbanos, o modelo oferecia uma narrativa espacial sobre como eles aconteceriam. As cidades tenderiam a crescer radialmente, com a expansão de seus círculos internos sobre os externos. Famílias recém-chegadas de áreas rurais se assentavam nas zonas mais centrais, próximas do distrito comercial, e de lá se distanciavam conforme progrediam economicamente. Nessa constante mobilidade, regiões da cidade se diferenciavam, a partir de questões que reuniam grupos com interesses ou posições semelhantes: bairros étnicos, regiões com determinados usos, especialização comercial, etc. Áreas de transição, no entorno do centro comercial – degradadas no padrão de interpretação da época –, transitoriamente receberiam os migrantes e tenderiam tanto a se transformar quanto a ter a função de assimilar seus habitantes à dinâmica urbana.

Menções ao modelo e dinâmicas relacionadas apareceram diversas vezes na produção escrita de Anhaia Mello. Em 1929, ele apresentou:

O Metabolismo Urbano

Como conciliar a mobilidade, o metabolismo desse organismo que é a cidade, com a fixação de distritos?

O processo de expansão das cidades pode ser teoricamente representado por uma série de círculos concêntricos, que se vão alargando e absorvendo os mais próximos. O centro geométrico da figura é o centro comercial. Em volta desse centro há uma outra área circular. Área de transição ou deterioração, que vai sendo invadida pelo comércio e indústrias leves; área anteriormente residencial, do período de agregações.

O movimento centrífugo da habitação é causado pela valorização dos terrenos e aluguéis, cujo preço varia de acordo com a lei geográfica de proximidade do centro comercial. Os limites dessas zonas são determinados pelo equilíbrio momentâneo entre a força centrífuga de valorização e a centrípeta de atração do centro comercial.

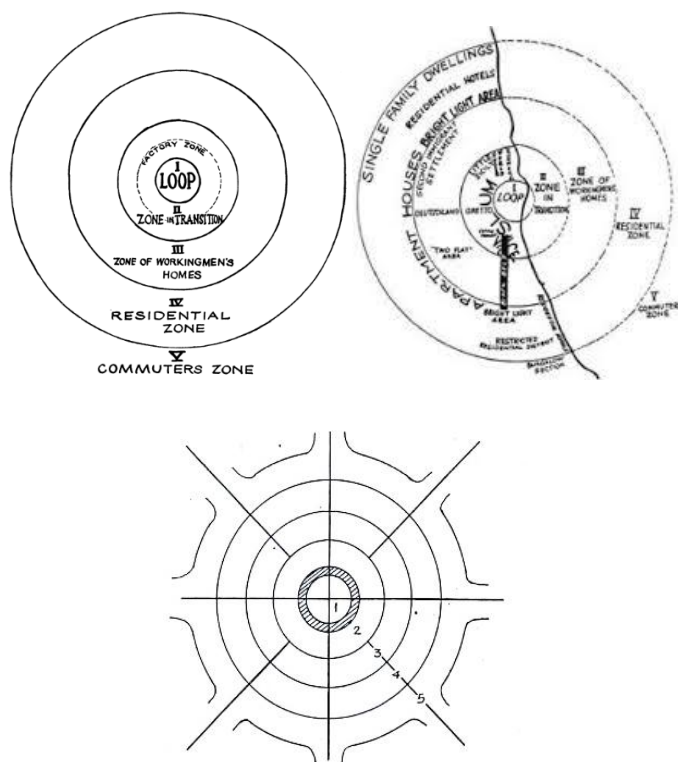
PENSAR FORA DO EIXO

Uma terceira zona circular é habitada pelo trabalhador que foie da área de transição mas procura morar perto do lugar de trabalho. Alem dessa zona está a zona residencial de alta classe e afinal a zona suburbana limitada pelos meios de transporte, como vimos na palestra anterior. Este metabolismo está se processando continuamente; é preciso, pois, um trabalho incessante de ajustamento do “zoning” às condições do momento (Mello, 1929c, p. 59).

Naquele momento, Anhaia Mello estava mobilizado com a possibilidade de estabelecimento do zoneamento em São Paulo, ao modo norte-americano (Feldman, 1996), e refletia sobre como esse instrumento poderia funcionar se a cidade “naturalmente” reconfiguraria sua própria organização interna. Lidava, assim, com uma questão relevante de gestão urbana, mas que lhe aparecia no âmbito das ideias, enquanto se apresentava como problema prático para os americanos. Ele foi, desde cedo, considerado como um teórico por seus pares e alunos (Ficher, 2005) e esse tipo de atuação, ao fazer com que formulações estrangeiras ganhassem em seus textos a aparência de “leis gerais” das cidades, contribuía para isso.

Figura 1. Zonas urbanas segundo o princípio da expansão radial da cidade.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Em cima, representações de Burgess, 1925. Embaixo, Anhaia Mello, 1957.

O aspecto mais destacado da atuação de Anhaia Mello a partir da década de 1940 é o questionamento do adensamento da capital paulista. Ele sugeria ser necessário limitar seu crescimento e distribuir a população por todo estado (Mello, 1954b) por meio de planejamento regional. A justificativa que apresentava para essa proposta apresentava ideias de Chicago em conjunto com as formulações de Lewis Mumford sobre o “ciclo metropolitano”¹².

O gigantismo da Capital do Estado é problema que interessa ao Estado e não apenas ao município da Capital. O Plano Regional de São Paulo tem que estar em consonância com os interesses gerais do Estado. Mesmo que fosse interessante ao Município da Capital, por uma questão de receita, de orgulho metropolitano, de valorização imobiliária, êsse crescimento desmedido, o Estado deveria se opôr, no interesse de dez milhões de paulistas. [...] A tese da limitação do crescimento é incontestável. Desagrada a muita gente, porque põe termo a muita exploração imobiliária (Mello, 1954b, p. 13-4).

Segundo Mumford (1944), parafraseado por Anhaia Mello, as cidades passariam por seis estágios, três de ascensão e três de declínio, caso sua expansão não fosse contida. Das aldeias (*eopolis*),

¹² No acervo pessoal de Anhaia Mello há um exemplar do livro com assinatura do urbanista e data de 1945. A partir desse ano, a presença de ideias de Mumford se tornam mais frequentes em seus textos.

PENSAR FORA DO EIXO

onde residiria a essência da vida urbana, avançaria para a *polis* e a *metropolis*. Com certo nível de associação e concentração de indivíduos e interesses, as características urbanas seriam ressaltadas e a cidade ofereceria cada vez mais cultura e educação. Contudo, com a continuação do crescimento, os valores das fases iniciais se perderiam e a cidade entraria na fase de decadência do ciclo. Anhaia Mello insinuava que era o que estava prestes a acontecer com São Paulo.

O crescimento continuará em virtude da velocidade adquirida. Início do declínio sob o ponto de vista humano e social. Grandeza e força. Triunfo do mecanismo e deshumanização. A vida humana subordinada à riqueza e à exploração generalizada. Anonimato, burocracia, indiferença cívica, passividade e resignação. Educação quantitativa, exploração das massas, conflitos e tensão permanentes. Tiranópolis [...] E afinal: [...] Necropolis:
O fim do ciclo. A vida social desaparece e da cidade resta apenas o arcabouço. Doenças, fome, guerra civil. Assim aconteceu em Babilônica, Ninive, na Roma das invasões” (ibidem, p. 33-4)

Anhaia Mello apresentou diversas vezes o modelo do crescimento da cidade de Burgess justaposto ao “ciclo metropolitano”. Com isso, ilustrava que “forças naturais” fariam com que a cidade tendesse a crescer indefinidamente e levassem-na para a fase decrescente do ciclo.

Assim a expansão urbana ou metropolitana é um resultante de organização e desorganização, análoga aos processos anabólicos e catabólicos do metabolismo do corpo humano.
Mais uma semelhança entre os dois organismos.
Mas, ao contrário do organismo humano, o urbano não possui a “entelechia” aristotélica, a posse da própria perfeição, e vai crescendo indefinidamente, patologicamente, com prejuízo da própria finalidade e da razão da sua própria existência (idem, 1954b, p. 35)¹³.

Embora a abordagem de Park e Burgess, para a qual o modelo dos círculos concêntricos fornecia uma narrativa espacial, identificasse na desorganização da vida de indivíduos, e nos decorrentes conflitos entre grupos, as raízes dos “problemas urbanos”, ela também supunha processos de reorganização que encaminhariam a assimilação à sociedade local. Assim, a cidade, mononucleada e “aglomerada”, era encarada como um mecanismo de contato, negociação e inclusão de estrangeiros na cultura e nos modos americanos e, portanto, vista de uma forma esperançosa (Fishman, 2000)¹⁴, uma postura diferente daquela de Mumford e do tom geral adotado por Anhaia Mello (Zorek, 2017).

¹³ A comparação dos processos sociais com os processos biológicos do organismo reproduzia o que havia sido apresentado por Burgess (1925).

¹⁴ Essa postura de Park e Burgess “outorgava” aos migrantes, negros e estrangeiros, algum protagonismo e não ressaltava suas origens ou características inatas a princípio como fonte dos “problemas”. Ainda assim, mantinha esses grupos na posição de um “outro”, que precisaria ser “assimilado” a padrões da sociedade americana. Para uma crítica, ver, por exemplo, Caldas e Silva, 2024.

PENSAR FORA DO EIXO

Não há como avaliar se Anhaia Mello tinha consciência da tensão entre suas referências¹⁵, mas ele empregou um dispositivo em seu discurso que amarrava as ideias do ciclo metropolitano com o modelo do crescimento ecológico das cidades: adicionou à ideia de Burgess a falta de “entelequia aristotélica”¹⁶ e, dessa forma, sugeriu que os “problemas urbanos”, ao invés de problemas que se destacavam *na* cidade, fossem problemas *da* cidade *em si*. O crescimento, a causa dos problemas, não poderia limitar a si mesmo e isso pioraria cada vez mais a situação.

É muito comum a referência às cidades como organismos – fala-se em organismo urbano como se fala em organismo humano.

De fato, há semelhanças, mas o que foi exposto anteriormente mostra a diferença fundamental, que não deve nunca ser esquecida: dentro do esquema apresentado, as cidades são organismos que crescem indefinidamente, o que não é característico dos organismos vivos. Estes possuem o que Aristoteles chamava a Entelequia, a posse da própria perfeição ou, como dia Leibnitz, o controle das próprias ações internas – de forma que o organismo cresce até um ponto funcional e orgânico (Mello, 1957, p. 14).

A forma concêntrica e mononuclear do desenvolvimento urbano seria, na apresentação de Anhaia, a representação da concentração que Lewis Mumford caracterizava como característica da era paleotécnica¹⁷. Romper o ciclo metropolitano implicaria, portanto, combater – com o planejamento – a tendência de crescimento “natural” (mononucleado) da cidade e explorar as potencialidades do novo “complexo tecnológico” eotécnico que se desenvolvia:

A máquina social moderna é muito complicada para operação automática; o plano tornou-se uma necessidade [...]

A limitação deve ser forçada por fatos exteriores de planejamento orgânico. O ciclo de crescimento é reversível, por meio de regionalismo e polinucleação (idem, 1954b, p. 35).

Ao introduzir esses conteúdos, Anhaia Mello destacava âmbitos de atuação que expandiam o campo do Urbanismo para além da área urbana existente: trataria da distribuição demográfica das populações pelo território mais amplo e de novas cidades. Para isso, mais do que o modelo do crescimento concêntrico, importava a ideia de que as cidades seguiriam padrões de desenvolvimento comuns e que, *sem controle, tenderiam a crescer indefinidamente*.

¹⁵ Anhaia Mello não foi o único a interpretar as posições de Park sob um ponto de vista “pessimista” e “antiurbanista” (ver Goist, 1971, p. 54).

¹⁶ O conceito de entelequia aparece em *The Conduct of Life*, livro de 1952 que reunia alguns artigos de Mumford e foi empregado por Leibnitz com destaque. Não foi possível encontrar, no entanto, construção similar à de Anhaia Mello. Supõe-se que essa conexão entre o ciclo metropolitano e o modelo ecológico seja original do urbanista.

¹⁷ “Em uma palavra: a concepção quantitativa da vida, e a megalopolis é o seu símbolo máximo” (Mello, 1954b, p. 38).

PENSAR FORA DO EIXO

Em Chicago, o modelo do crescimento concêntrico aparecera como um “modelo-hipótese”, cujos questionamentos fundamentais foram listados em sua primeira apresentação pelo próprio Burgess (1925). Enquanto isso, na dissertação de Anhaia Mello ele era abordado como “lei natural”¹⁸, o tipo de conteúdo que ele sugeria que o profissional do Urbanismo precisaria “buscar” na Sociologia.

Esse aspecto fica claro em uma rara oportunidade em que Anhaia comentou aspectos intraurbanos de São Paulo, já que ele empregou as designações daquele modelo, mas efetivamente não descreveu círculos concêntricos, já que não havia, em sua própria descrição, entre as regiões da zona 4 no Oeste da cidade (jardim América, Pacaembu) e o centro, uma “região de transição” como a do Brás, Belemzinho e Mooca, localizados para o Leste¹⁹.

Forma-se assim uma zona de cortiços periféricos ao centro que vai se estendendo para (3) – Brás, Belemzinho, Mooca. A zona (4) é o Jardim América, Pacaembu, etc. e depois voltam os cortiços em São Miguel, Osasco (5).
Essa é a teoria dos círculos concêntricos, os interiores engolindo os exteriores; é o mesmo que atirar uma pedra em água parada e ver o crescimento das ondas. O comércio, a fábrica e os cortiços engolem as residências boas (Mello, 1957, p. 14).

3.2 A ordem física e a ordem social – cortiço e Unidade de Vizinhança

Durante a década de 1950, Anhaia Mello também enfatizou o impacto das características urbanas na ordem “social e moral” da sociedade. Ao mesmo tempo em que reiterava argumentos que tratavam a cidade como um problema em si mesma, Anhaia Mello sugeria que a “deterioração sociológica” estaria relacionada a algumas de suas partes e características internas. Especificamente, ao tecer comentários sobre os cortiços da região central e sobre o potencial “moralizante” da adoção do princípio da unidade de vizinhança no planejamento urbano, ele retomou ideias da Escola de Chicago.

Palestrando para a Confederação das Famílias Cristãs, Anhaia Mello (1954a) destacou que o planejamento precisava de apoio coletivo, pois as questões urbanas e a distribuição da população gerariam efeitos sobre todos. Apesar do generalismo, demonstrava especial preocupação com os “cortiços e seus males”:

Este é o molde espacial do metropolitanismo, pois: zonas de transição no centro e na periferia; zonas de transição que se transformam, fatalmente, uniformemente, em áreas de deterioração, e eis o cortiço em cena.
O cortiço, e seu cortejo de males.
O cortiço, produto de processos ecológicos e sociais, é criação típica do metropolitanismo.

¹⁸ Somente em Curso de Urbanismo, de 1957, o modelo dos círculos concêntricos foi apresentado como uma, dentre várias, teoria sobre a organização da cidade e não como o padrão do crescimento urbano.

¹⁹ Décadas mais tarde, Villaça descreveria a cidade com um desenvolvimento mais próximo a setores de círculo (2001) e Taschner e Bógus (2000), como a cidade dos anéis.

PENSAR FORA DO EIXO

E as estatísticas mostram nessas zonas negras, como resultado da estreita relação entre habitação e saúde física e espiritual, todos os malefícios da promiscuidade e da miséria.

Assim a mobilidade característica, a obsolescência, a doença, a delinquência, pela diversidade de “folkways” e “mores” dos grupos étnicos assim formados (Mello, 1954b, p. 36).

O “Metropolitanismo” geraria zonas de deterioração, que eram equiparadas às zonas de transição do modelo de Burgess. Tratava-se de uma relação que estava colocada em Chicago, mas que era apresentada pelo urbanista de São Paulo sem a perspectiva da assimilação que aparecia no pensamento de Robert Park.

Duas são as zonas de deterioração, como dissemos: juntos dos centros e na periferia. Deterioração física, demográfica, econômica e social.

A deterioração se inicia pelo congelamento (blight) se degrada para cortiço (slum) – o “blight” é deterioração econômica. o “slum” é deterioração, é erosão humana e social.

A deterioração de base econômica é causada pela expectativa de demanda comercial e altos preços da terra urbana.

A residência, de retribuição mais baixa do solo, é expulsa – mas antes de substituída se deteriora, apodrece.

A deterioração demográfica é causada por uma população em declínio, embora altíssima a densidade. Como consequência, a incidência da tuberculose, moléstia sexuais, alcoolismo, psicoses, desordens metais.

A deterioração sociológica advém de que, em regra, nessas zonas, o indivíduo está só, isolado. Poucos conhecimentos e amizades. Anonimidade e irresponsabilidade. Distâncias sociais, mau grado empilhamento físico. Mobilidade excessiva: hoje aqui, amanhã acolá. Desinteresse cívico, apatia; resignificação ou revolta; extremos perigosos.

A vida humana não tem preço, mas as estatísticas provam que o “déficit” causado por esses “black-belts” em serviços públicos prestados, polícia, crime, saúde, assistência, acumulado em cinco anos, seria importância suficiente para desapropriação de todos os imóveis dessas zonas (ibidem, p. 36)²⁰.

Nessa fala, Anhaia Mello apresentava a “zona de transição” como responsável pelos problemas urbanos, mas fez menção específica a uma das divisões da cidade, “áreas naturais”, que a integrava no modelo de Burgess: o *Black-Belt*²¹. Embora a expressão fosse utilizada para designar áreas de população predominantemente negra ao Sul do centro de Chicago, Anhaia Mello a empregou, naquela situação, como sinônimo de área degradada e, com isso, sugeria determinados valores na

²⁰ Essa fala foi repetida em Mello, 1954a e Mello, 1954b

²¹ O termo, como *deutschland*, *Little Sicily* e *Chinatown*, relacionava determinado território aos traços e origens de uma população que o habitava, demonstrando segregação. No caso, era referência a estados outrora escravistas do Sul, de onde populações negras migravam para Chicago.

PENSAR FORA DO EIXO

interpretação da cidade. Ele destacava o cortiço como expressão dos problemas da cidade mas também como causa deles e, assim, relacionava “deterioração” com aspectos raciais²².

Esclarecedora sobre a proposta de planejamento regional de Anhaia Mello é a menção feita, depois da aparente metonímia dos *black-belts*, à viabilidade, em termos de “gastos”, da desapropriação de todos os imóveis dessa zona. Embora olhasse para a cidade globalmente, aspecto mais destacado na bibliografia que analisa a trajetória do urbanista, o trecho sugere que ele julgava que existiriam causas específicas e *localizadas* para a “degradação sociológica”.

Essa leitura, possível a partir da interpretação do contexto e da reflexão da Escola de Chicago, assim, fornece uma perspectiva diferente daquela aparentemente tecnicista do urbanista preocupado com a macrocefalia que ditaria os destinos da megalópole e que, por várias vezes, é retratado como o propositor derrotado de um futuro alternativo frente ao destino pouco pródigo que teria sido legado pelo vencedor Prestes Mais. Para resolver “o problema”, *a demolição de cortiços precisaria estar acompanhada de um Urbanismo reorganizador do espaço urbano e regional, que “desconcentrasse” a população que neles vivia*. Estava sugerido que as “zonas de degradação”, da densa moradia popular, deveriam ser desfeitas pelo “bem” da cidade como um todo e a solução, para isto Anhaia Mello apresentava, era que o planejamento urbano se baseasse em três princípios, que apareciam nas New Towns inglesas, no urbanismo do CIAM e, anos depois, em Brasília: a cidade-jardim, a superquadra e a unidade de vizinhança.

Especificamente, a Unidade de Vizinhança já era destacada como um elemento importante para o planejamento urbano por Anhaia Mello desde a década de 1930. Naquele momento, ela era apresentada como instrumento para lidar com dois impactos que o crescente uso do automóvel causava na cidade: a insegurança das vias e os altos gastos de implementação da infraestrutura necessária para sua circulação. A cidade celular, organizada em unidades de vizinhanças e superquadras, responderia isso:

Como realizar esta economia e aquela segurança, simultaneamente?
Eis o que realiza a cidade celular, a nova concepção do agenciamento urbano.
Toda cidade tem, ou deve ter, o seu sistema de vias principais – radiais, perimetrais e diagonais – pelas quais se escoam a circulação centro-periferia, interbairros ou interfocos.

²² Barone (2018) investiga como propostas de *zoning* de uma outra importante referência norte-americana para Anhaia Mello, Harland Bartholomew, eram informadas por aspectos raciais. O fomento da segregação da população negra tinha caráter central em sua prática, que ao mesmo tempo era legitimada pela omissão da questão racial no discurso.

PENSAR FORA DO EIXO

É essa malha entre vias principais que deve ser tratada como unidade, célula completa, de vida autônoma o quanto possível, chamada pelos urbanistas americanos: neighborhood unit cell (idem, 1933a, p. 133).

Nas décadas seguintes, entretanto, o mesmo elemento seria apresentado com outras funções e relacionado com termos e discussões caros à Escola de Chicago. Reiteradas vezes Anhaia Mello apresentou a famosa caracterização da cidade como um “mosaico de diversos mundos que se tocam, mas não se interpenetram”, de Robert Park, enquanto mencionava a importância de sua adoção como princípio urbanístico. O tema da anomia, conceito de Durkheim, trabalho por Florestan Fernandes posteriormente no contexto nacional, especialmente lhe interessava. Em 1947, ele apontou:

Maior a cidade, maior a solidão.

A aglomeração excessiva impede a associação. A formação de grupo da nossa vida social desintegrou-se. Não há mais “sense of belonging”, o interesse cívico na resolução dos problemas comuns, o amor pela comunidade. É ganhar a vida, e nada mais.

[...] O que se observa nas grandes cidades, e todos o sentem, é que os processos ecológicos de segregação criam distâncias morais que – como bem nota Roberto Park – fazem da metrópole um mosaico de pequenos mundos que se tocam mas não se interpenetram.

É preciso pois formar um ambiente de vida favorável ao progresso social, dentro do qual os homens se conheçam, cultivem a amizade e a solidariedade.

Este ambiente é o da neighborhood unit, unidade de vizinhança. (idem, 1947).

E em 1954:

Um mundo de indivíduos, mas atomizados, nômades espirituais. “Spiritual slum” – diz o Saarinen. Um mosaico de pequenos mundos, que se tocam, mas não se interpenetram. Enormes distâncias sociais, mau grado a proximidade material.

Resultado: uma atmosfera de impermanência, de superficialidade, de externalidade, de irritação, de hostilidade generalizada. Tudo ao contrário ao conceito fundamental da cidade, de vida urbana real. (idem, 1954a, p. 9)

Anhaia Mello apresentava a frase de Park juxtaposta a comentários sobre a solidão e desagregação dos indivíduos na cidade. Nessa palestra, ao tratar da “hipertrofia das cidades” como um “fator de aniquilação das famílias”, a Unidade de Vizinhança foi apresentada como capaz de “recuperar o sentido de comunidade” que teria sido perdido na metrópole (ibidem).

Em outra oportunidade, Anhaia apontou que as relações primárias teriam sido substituídas pelas secundárias, o que exerceria “uma influência desintegradora na ordem material e moral, responsável pelo aumento dos vícios e crimes nas metrópoles” e que lidar com os problemas de ordem espacial ou geotécnicos seria simples se comparado a resolver as questões das relações sociais, mas a unidade de vizinhança serviria para isso, pois:

PENSAR FORA DO EIXO

Um ambiente mais limitado, mais acolhedor, restaura esse sentido de pertencer a algo de valioso, algo que mereça a nossa dedicação e mesmo sacrifício. [...] O microcosmo do pedestre, da rotina diária, é fundamental na interação social. Os contatos são fáceis e a amizade é cultivada. A atitude de um pedestre para com outro é sempre cordial e amigável; muito diversa da do motorista apressado e... malcriado (idem, 1954b, p. 46)²³.

Para Park, a mobilidade dos indivíduos alteraria a organização da comunidade e as distâncias morais geradas pelo processo de segregação da população na cidade grande realmente gerariam um mosaico. Contudo, isso não significaria que os indivíduos estariam condenados a viver no isolamento. As “áreas naturais” seriam fruto da concentração voluntária de indivíduos que, por exemplo, sob condições de desorganização da vida social, tenderiam a se agrupar com base em interesses comuns. Isso construiu uma visão que não era meramente restritiva da compartimentação da cidade, mas a identificava como parte do grande mecanismo de assimilação e geração de oportunidades que seria a metrópole. Sua expectativa era que, com a mobilidade para “viver” ao mesmo tempo em diversos mundos, transgredindo as limitações do grupo primário, processos de integração e assimilação poderiam ocorrer, rompendo com a segregação étnica e de classe características:

This makes it possible for individuals to pass quickly and easily from one moral milieu to another, and encourages the fascinating but dangerous experiment of living at the same time in several different contiguous, but otherwise widely separated, worlds. All this tends to give to city life a superficial and adventitious character; it tends to complicate social relationships and to produce new and divergent individual types. It introduces, at the same time, an element of chance and adventure which adds to the stimulus of city life and gives it, for young and fresh nerves, a peculiar attractiveness. The lure of great cities is perhaps a consequence of stimulations which act directly upon the reflexes. As a type of human behavior it may be explained, like the attraction of the flame for the moth, as a sort of tropism (Park, 1925).

Embora Anhaia Mello (1954b, p. 44)²⁴ tenha reproduzido parcialmente esse trecho, suas formulações careciam de uma visão acerca de aspectos “construtivos” da separação espacial. Assim, uma cidade que crescesse por causa da migração seria interpretada meramente como conjunto de grupos justapostos. Sem possibilidade da interação e trocas entre diferentes no espaço urbano, por meio do convívio nos “diversos mundos” que comporiam o mosaico, restaria à cidade

²³ Em palestra anos antes, ele indicou que “[a] ‘neighborhood unit’ é um microcosmo, um composto social mononucleado, do qual a escola primária é o ‘social heart’, o coração social que impulsiona sangue vital para todas as partes componentes desse microcosmo”. (Mello, 1947, p. 40-1).

²⁴ inclusive com a menção à atração da mariposa pela chama e ao tropismo, o que mostrava que esse trecho era mesmo sua referência.

somente a “anomalia”²⁵. Com isso apontava, além da necessidade de controlar a expansão da cidade como um todo, também que suas partes – os bairros – fossem consideradas e reguladas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento da leitura e do emprego de ideias da Escola de Chicago revela que Anhaia Mello teve contato e reproduziu aspectos significativos dos materiais que compunham o programa de pesquisa da “Ecologia Humana”. Apesar disso, o conteúdo sociológico da produção de Park e Burgess não esteve no seio de seus principais argumentos. Quando, a partir dos anos 1940, o urbanista passou a empregar com mais frequência temas e termos daqueles sociólogos, por vezes o fez para apresentar ideias que já havia enunciado anteriormente a partir de outros referenciais. Apesar disso, deslocar o foco da análise para essa relação entre Anhaia Mello e a produção da Escola de Chicago revelou elementos específicos de sua trajetória, de sua reflexão e do campo do Urbanismo em São Paulo em meados do século XX.

Na década de 1950, ao produzir seu discurso mais abrangente acerca de aspectos sociais da cidade, Anhaia Mello utilizou temas, conceitos e formulações de Park e Burgess repetidas vezes, mas identificam-se desconexões entre o sentido atribuído pelos sociólogos e a apropriação pelo urbanista. A proposta de planejamento regional de Anhaia Mello era justificada com um discurso sobre os problemas incontornáveis da expansão da cidade em que ideias da Escola de Chicago eram empregadas para ilustrar as dinâmicas que as causariam. No entanto, apontou-se para uma visão relativamente otimista sobre a metrópole nos textos da Escola de Chicago. Uma leitura mais próxima àquela de Anhaia Mello aparece mais tarde, quando os trabalhos de Park e Burgess foram reinterpretados. A coletânea Human Communities, por exemplo, foi organizada pelos seus ex-alunos e representou uma curadoria para apresentar uma determinada interpretação da produção dos professores, que não organizaram suas leituras e interpretações em grandes livros abrangentes.

Além disso, a leitura aprofundada de alguns contextos relacionados à produção da Escola de Chicago, em especial ao que se refere às “zonas de transição” e ao “black-belt” permite verificar preocupações de âmbito intraurbano na reflexão de Anhaia Mello que não costumam ser destacadas pela bibliografia do campo. Os aspectos levantados sugerem que a questão dos cortiços

²⁵ O emprego da Unidade de Vizinhança contra a “anomalia” aparece em artigo de Judith Tannenbaum de 1948, que não se tem notícia de ter sido lido por Anhaia Mello, mas que refletiam discussões do período. Em artigos publicados no Digesto Econômico em 1947, o urbanista já o relacionava com debates sobre coesão comunitária.

PENSAR FORA DO EIXO

e aspectos raciais, mais do que comentários passageiros, merecem ser analisadas com mais destaque em pesquisas futuras sobre esse relevante personagem da política e da academia no campo do Urbanismo no Brasil.

Identifica-se, também, que Anhaia Mello apresentou leituras relacionadas a Park e Burgess, mas, como no caso do argumento da carência de *entelechia aristotélica*, precisou contorná-las. Se “equivoco” e “incompreensão” não devem ser descartados previamente enquanto chaves explicativas na análise da circulação internacional e interdisciplinar de ideias, esse tipo de tensão sugere aspectos relevantes para a história do Urbanismo paulista: (1) temas e discussões relacionadas com Chicago faziam parte do clima intelectual de São Paulo, de modo que Anhaia Mello provavelmente incrementava seu poder de persuasão diante de alguns grupos ao adicioná-los ao seu discurso e (2) o modelo de ciência que a Escola de Chicago representava, ou a forma como ela estava representada, era um elemento importante para a concepção do campo do Urbanismo proposto por Anhaia Mello.

O urbanista seria o profissional que faria a síntese entre os diversos saberes— de cunho técnico, político e social – para intervir e gerir a cidade. Nesse contexto, mais do que os conteúdos, métodos e especificidades da análise de Park e Burgess, essa concepção do campo buscava, na Sociologia e em outras disciplinas, “leis” e relações causais objetivas sobre a expansão urbana e sobre o impacto de arranjos espaciais em aspectos sociais das comunidades. A Escola de Chicago, especificamente, por sua grande abrangência, que ofertava classificações e generalizações, assim como pela intenção de produzir um conhecimento sobre a cidade como uma unidade, aparecia como um modelo do que o urbanista deveria tomar da Sociologia.

REFERÊNCIAS

Angotti-Salgueiro, Heliana. Pensamento e leituras de Luiz I. R. de Anhaia Mello das propostas de uma arte urbana ao planejamento de um urbanismo humanista. **III ENANPARQ**. São Paulo, 2014.

Angotti-Salgueiro, Heliana. Considerações sobre a biblioteca de Luiz de Anhaia Mello: cruzando seus textos e autores de referência. In: SIMÕES Jr, J.G; Angotti-Salgueiro, Heliana. [orgs.]. **Luiz de Anhaia Mello**: um pioneiro do urbanismo paulistano. São Paulo: Mackenzie, 2020.

Angotti-Salgueiro, Heliana; SIMÕES Jr. J.G. Luiz de Anhaia Mello – em busca de um Urbanismo humanizado: ideário e autores de referência. **XIV SHCU**. 2016

PENSAR FORA DO EIXO

ANGOTTI-SALGUEIRO, H.; SIMÕES Jr., J.G. Por uma reflexão sobre os pioneiros do Urbanismo no Brasil e modalidades de apropriação de ideários internacionais: revisando terminologias e conceitos. **Arquitextos: Vitruvius**, v. 203, abril, 2017.

ARASAWA, Claudio Hiro. As raízes da “árvore do urbanismo” de Anhaia Mello: a conquista da opinião pública. In: SIMÕES Jr, J.G; Angotti-Salgueiro, H. [orgs.]. **Luiz de Anhaia Mello: um pioneiro do urbanismo paulistano**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020.

BARONE, A.C.C. Harland Bartholomew e o zoneamento racialmente informado: o caso de St. Louis. **RBEUR**, vol. 20, n. 3. p. 437-456, set-dez. São Paulo: 2018.

BEDFORD, S. **Readings in Urban Sociology**. New York: 1927.

BOURDIEU, P. The Social conditions of the international circulation of idea. In Shusterman, R [ed.]. **Bourdieu: A Critical Reader**. Oxford: Blackwell Publisher, 2000

BRESCIANI, Maria Stella. Estudo da trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Luiz I. R. de Anhaia Mello. In: SALGADO, Ivone [orgs.]. **Da Construção do território ao planejamento das cidades**. São Carlos: RiMa Editora, 2010.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. The Multiple Languages of Urbanism in Luiz de Anhaia Mello: technique, aesthetics, and politics. **Annals of 15th IPHS Conference**. São Paulo: 2012.

BRESCIANI, Maria Stella. Rus in urbe: ética e estética na acepção do urbano em Anhaia Mello. In: SIMÕES Jr, J.G; Angotti-Salgueiro, H. [orgs.]. **Luiz de Anhaia Mello: um pioneiro do urbanismo paulistano**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020.

BULMER, Martin. A Escola de Chicago de Sociologia: o que a tornou uma escola? Tradução de M.A. Eufrásio. **Cadernos CERU**, 2020

BURGESS, E.W. The Growth of the City: An introduction to a Research Project. In: Park e Burgess, 1925 [1922].

CALDAS, Alan; SILVA, Nikolas. A Crítica de Guerreiro Ramos à Escola de Chicago: Assimilação, Aculturação e Racismo. **Dados**. vol. 63. 2024.

CAMPOS, Cândido Malta. Anhaia Mello e o controle do crescimento urbano em São Paulo (1931-1957). In: SIMÕES Jr, J.G; Angotti-Salgueiro, H. [orgs.]. **Luiz de Anhaia Mello: um pioneiro do urbanismo paulistano**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020.

CARPENTER, N. **The Sociology of City Life**. New York: Longmans, Green, 1932.

DEAR, M. Los Angeles and the Chicago School: Invitation to a debate. **City and Community**, vol. 1, p. 5-32. Washington, 2002.

EUFRÁSIO, M.A. A “Escola de Chicago” de Sociologia: perfil e atualidade. **Anais..** São Paulo: Humanitas/CERU, 2008.

EUFRÁSIO, M.A. **Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PENSAR FORA DO EIXO

FELDMAN, S. A americanização do setor de urbanismo da administração municipal de São Paulo. **Anais do IV SHCU**, p. 225-234. Rio de Janeiro: 1996.

FELDMAN, Sarah. Anhaia Mello e a Comissão do Plano da Cidade: o plano para além da Esfera Técnica. **V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Campinas: PUCCAMP, 1998.

FELDMAN, Sarah. **Planejamento e Zoneamento**. São Paulo 1947-1972. São Paulo: EdUSP, 2005.

FELDMAN, Sarah. Urbanismo no governo da cidade: os escritos e a atuação de Anhaia Mello. In: SIMÕES Jr, J.G; Angotti-Salgueiro, H. [orgs.]. **Luiz de Anhaia Mello: um pioneiro do urbanismo paulistano**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020.

FICHER, S. **Os Arquitetos da Poli**: ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: EdUSP, 2005.

FISHMAN, R. The Metropolitan Tradition in American Planning. In Fishman, R. **The American Planning Tradition: culture and Policy**. Washington, D.C. : Woodrow Wilson Center Press, 2000b.

GOIST, P.D. City and "Community": The Urban Theory of Robert Park. **American Quarterly**, 23(1), 46. 1971

KROGH, Daniela da Silva Santos; SALGADO, Ivone. Anhaia Mello e sua contribuição para a difusão do Urbanismo Norte-Americano: o debate urbanístico na cidade de Campinas na década de 1930. In **Anais do IV enanparq** (Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Porto Alegre: 2016.

LEME, M.C.S. (coord.). **Urbanismo no Brasil**: 1895-1965. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

LEME, Maria Cristina da Silva. A circulação de idéias e práticas na formação do urbanismo no Brasil" in PONTUAL, Virginia e LORETTO, Rosane Piccolo [orgs.] **Cidade, território e Urbanismo**. P. 73-92. Recife: CECI, 2009.

MELLO, Luís de Anhaia. A cidade, problema de governo. **Boletim do Instituto de Engenharia**. São Paulo, n.43, p.278-87, dezembro. São Paulo: 1928a.

MELLO, Luís de Anhaia. Urbanismo. **Boletim do Instituto de Engenharia**. São Paulo, n.42, p.235-40, novembro. São Paulo: 1928b.

MELLO, Luís de Anhaia. A Verdadeira Finalidade do Urbanismo. **Boletim do Instituto de Engenharia**, n.51, p.106-12, agosto. São Paulo: 1929a.

MELLO, Luís de Anhaia. **Problemas de Urbanismo**: bases para a resolução do problema técnico. São Paulo: Instituto de Engenharia: 1929b. [antigo d]

MELLO, Luís de Anhaia. Urbanismo – Regulamentação e Expropriação. **Boletim do Instituto de Engenharia**, n.45, p.55-64, Fevereiro. São Paulo: 1929c. [antigo g]

PENSAR FORA DO EIXO

MELLO, Luís de Anhaia. A cidade celular, quadras, superquadras e células residenciais.

Boletim do Instituto de Engenharia, n.94, p.131-42. setembro. São Paulo: 1933a.

MELLO, Luís de Anhaia. Urbanismo e suas normas para organização de planos. **Boletim do Instituto de Engenharia**, n.89, p.209-215, Abril. São Paulo: 1933b. [antigo g]

MELLO, Luís de Anhaia. A Cidade, Base Material de Relações Sociais. Sociologia Urbana, Ecologia Humana e o Plano de Londres. **Engenharia**, n. 31, Março, p. 269-277. São Paulo: 1945a.

MELLO, Luís de Anhaia. **Hipertrofia das cidades**, fator de aniquilamento da família, uma tese de Sociologia urbana. mimeo. São Paulo: FAUUSP, 1954a.

MELLO, Luís de Anhaia. **O Plano Regional de São Paulo**: Uma contribuição da Universidade para o estudo de 'um código de ocupação lícita do solo'. mimeo. São Paulo: 1954b.

MELLO, Luís de Anhaia. **Curso de Urbanismo**. São Paulo: Grêmio Politécnico. 1957.

MUMFORD, Lewis. **The Culture of Cities**. Londres: Secker e Warburg, 1944 [1938].

MUNTZ, Earl. **Urban Sociology**. Nova Iorque: Macmillan, 1938.

NERY, José Marinho Jr. Discursos de Anhaia Mello e de Prestes Maia sobre o Zoneamento: coerências e contradições entre postulados teóricos e políticas públicas no urbanismo paulistano. In **V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. 1998.

PARK, Robert Ezra. The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment. In Park e Burgess, 1925.

PARK, Robert Ezra. **Human Communities**: the city and human ecology. Glencoe: Illinois Free Press, 1952.

PARK, Robert Ezra; BURGESS, Ernest. **Introduction to the Science of Sociology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1921.

PARK, Robert Ezra; BURGESS, Ernest. **The City**. Chicago: The University of Chicago Press, 1925

PASTERNAK, Suzana e BÓGUS, Lucia Maria. **A cidade dos anéis**: São Paulo. Rio de Janeiro: Revan/FASE, 2000

PIERSON, Donald. **Estudos de Ecologia Humana**: Leituras de Sociologia e Antropologia Social. São Paulo: Martins Editora, 1970a [1946].

PIERSON, Donald. **Teoria e pesquisa em Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1970b.

ROLDAN, Dinalva Derenzo. Circulação de ideias e suas apropriações: uma reflexão sobre a história do Urbanismo na América Latina em diálogo com perspectivas das histórias conectadas e teorias decoloniais. **RBEUR**, v. 25, n. 1. 2023.

PENSAR FORA DO EIXO

ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei**: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

SIQUEIRA, Renata Monteiro. A Influência de Anhaia Mello sobre o pensamento urbanístico em São Paulo: uma análise dos planos diretores do centro de pesquisa e estudos urbanísticos. **URBANA**, v. 05. Campinas: CIEC/UNICAMP, 2013.

SIMÕES Jr, José Geraldo; ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. [orgs.]. **Luiz de Anhaia Mello**: um pioneiro do urbanismo paulistano. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020.

VALLADARES, Licia do Prado. **A Invenção da Favela**. Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Lincoln Institute, 2001.

WIRTH, Louis. Urbanism as a Way of Life. **American Journal of Sociology**. Vol. 44, no. 1, p. 1-24. Chicago: 1938.

ZOREK, Bruno. A consolidação do pessimismo na representação hegemônica do futuro de São Paulo. **XXIX Simpósio Nacional de História**. 2017.